

UM ESTUDO DE *AÍ*, *DAÍ* E *ENTÃO* COMO CONECTORES NO DISCURSO ORAL

MARIA ALICE TAVARES
(Universidade Federal de Santa Catarina)

1. Introdução

Os itens lingüísticos *aí*, *daí* e *então* são muito recorrentes na fala, como atestam as entrevistas pertencentes ao Banco de Dados do Projeto VARSUL. São empregados no plano adverbial, indicando tempo e/ou espaço, e no plano da conexão textual, interligando orações ou partes maiores do discurso¹. Desempenham, como conectores, diversas funções: seqüenciação temporal, seqüenciação textual, retomada e finalização de informações, introdução de idéia de efeito (conseqüência ou resultado), alternância ou adversão.

A distribuição de *aí*, *daí* e *então* em dois planos distintos — o adverbial e o da articulação textual — pode ser explicado pelo processo de gramaticalização, processo de mudança lingüística responsável pela migração de um item lexical para uma categoria gramatical, ou pelo avanço de um item de um estatuto gramatical para um mais gramatical ainda. Temos por hipótese que, devido ao processo de gramaticalização, as formas sob pesquisa estenderam seu campo de atuação dos empregos adverbiais originais, no âmbito lexical, aos empregos como conectores, no âmbito gramatical.

Buscamos indícios da passagem de *aí*, *daí* e *então* pelo processo de gramaticalização, ilustrando possíveis percursos de mudança através dos usos sincrônicos das formas. Consideramos, para tanto, a perda gradual de certas propriedades semânticas entre os usos adverbiais e conectivos, ao lado da retenção de outras propriedades, caracterizadoras de todos os usos das formas, bem como a escala de derivação de conectores proposta por Heine et alii (1991:182), a qual destaca o percurso espaço > (tempo) > texto.

Utilizamos dados extraídos de trinta e quatro entrevistas pertencentes ao *corpus* do município de Florianópolis (SC), um dos *corpora* integrantes do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Projeto Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil).

2. Quadro teórico

Este trabalho se insere no quadro teórico do funcionalismo lingüístico, que estuda a língua em uso, isto é, imersa em suas condições discursivas. Ao mesmo tempo em que a gramática fornece padrões para a construção do discurso, é nele que ela emerge e muda, que a forma ajusta a si mesma para novas funções e estende seus significados — criativamente e sob influência do contexto. Nesta perspectiva, a gramática — dinâmica e emergente — é resultante de regularidades advindas das pressões de uso. Portanto, nunca se estabiliza, nunca está acabada: ao mesmo tempo em que alcança regularidade pela eliminação de anomalias e variação, emergem novos padrões que introduzem novas anomalias e variação (Lichtenberk, 1991:76).

A visão de gramática como dinâmica pressupõe que as línguas estão em constante mudança, motivada pelas pressões de uso e pelas pressões do próprio sistema gramatical. O processo de gramaticalização é um tipo de mudança lingüística, com conseqüências para as categorias morfossintáticas e, assim, para a gramática da língua. Envolve o percurso de regularização gradual em que itens ou construções lexicais, devido a pressões de similaridade entre os contextos comunicativos em que são utilizados, adquirem, no curso do tempo, funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, podem continuar a desenvolver novas funções gramaticais (cf. Hopper e Traugott, 1993; Heine et alii, 1991; Traugott e Heine, 1991).

Se faz importante no âmbito deste estudo, portanto, definir itens gramaticais e lexicais. Estes fazem referência ou descrevem coisas do universo biossocial — entidades, ações, qualidades. Incluem-se entre eles nomes, verbos, adjetivos e advérbios. Itens gramaticais são elementos funcionais que servem para organizar os itens lexicais no discurso: relacionam nomes (preposições), ligam partes do discurso (conectores), indicam se as entidades e participantes de um discurso já foram identificados ou não (pronomes e artigos), e mostram se eles estão próximos do falante ou do ouvinte (demonstrativos), indicam tempo, aspecto e modo (morfemas verbais). É possível considerar à parte adjetivos e advérbios, como propõem Hopper e Traugott (1993:104), que dividem as palavras em três categorias: “Categoria maior [Nome, Verbo, Pronome] > Categoria mediana [Adjetivo, Advérbio] > Categoria menor [Preposição, Conjunção]”.

De acordo com Heine et alii (1991:29), a transferência metafórica é um dos principais mecanismos que subjazem ao processo de gramaticalização: “(...) o uso

de um dado termo lingüístico para um novo conceito envolve um processo pelo qual dois conceitos diferentes são metaforicamente igualados e pelo qual o termo que é usado para um deles é também estendido para se referir ao outro". Por meio da transferência metafórica, conceitos mais complexos são descritos ou entendidos por meio de conceitos concretos ou menos complexos. Estes constituem, então, os conceitos fonte da gramaticalização e, lingüisticamente, são codificados como lexemas, referindo-se a algumas das mais elementares experiências humanas, relativas ao estado físico, comportamento ou meio ambiente. A gramaticalização de domínios fonte em domínios alvo é guiada pela similaridade funcional das fontes e alvos potenciais. Assim, a experiência não física é compreendida em termos da experiência física, a causa em termos de tempo, as relações abstratas em termos de processos físicos ou relações espaciais (op. cit., p. 51).

Heine et alii (op. cit., p. 182) propõem o percurso espaço > (tempo) > texto para a gramaticalização de conectores, salientando a origem espaço-temporal da forma fonte, origem facilmente evidenciável no surgimento de diversos conectores. Conforme a escala, elementos indicadores de espaço externo, por transferência metafórica, passam a ser empregados como indicadores temporais e, por fim, como organizadores do espaço textual, sendo que é possível um percurso do espaço externo diretamente para o espaço textual.

A gramaticalização é definida como um processo unidirecional. Ou seja, itens lexicais originam itens gramaticais, e não vice-versa; paralelamente, conceitos mais concretos derivam conceitos mais abstratos, e não vice-versa. A concepção básica é que há uma relação entre dois estágios A e B de modo que A ocorre antes de B, mas não B antes de A (Hopper & Traugott, 1993:95). Também cumpre apontar que a passagem entre os estágios A e B não é direta, havendo um estágio intermediário A-B, em que os significados estão sobrepostos e, em decorrência, a interpretação dos mesmos é ambígua. Assim, categorias como espaço e tempo não estão completamente separadas umas das outras. A fase de ambigüidade é superada à medida que o significado fica mais transparente e se regulariza o novo uso.

3. As múltiplas funções de *aí*, *daí* e *então*

Encontramos, na fala de Florianópolis, *aí*, *daí* e *então* principalmente em funções adverbiais e conectivas, as quais descrevemos e exemplificamos a seguir. Nos casos em que uma função não é desempenhada pelas três formas, exemplificamos apenas com aquela(s) que a desempenha(m). As propriedades comuns e diferenciadoras entre todos os usos das formas sob análise são reveladoras do percurso de gramaticalização seguido por elas.

3.1 Usos adverbiais: dêiticos e anafóricos

Aí, daí e então adverbiais são empregados nos planos dêitico e anafórico, como indicadores de lugar e/ou tempo. Dêiticos locativos relacionam a proposição a um espaço exterior ao texto, enquanto anafóricos locativos relacionam a proposição a um espaço interno ao texto. Dêiticos temporais relacionam o tempo da fala ao tempo da proposição, ao passo que anafóricos temporais marcam a conexão temporal entre dois eventos lingüísticos. Enfim, dêiticos apontam para o mundo, para as circunstâncias da fala, e anafóricos apontam para um elemento mencionado anteriormente no texto.

3.1.1 Dêiticos locativos

No papel de dêitico locativo, encontramos apenas o *aí*, que transmite uma circunstância espacial à proposição, localizando pontos no espaço como próximos ao ouvinte, com valor de *nesse lugar* (como em 1) ou indicando o espaço em que o falante está, com valor de *aquí, neste lugar* (como em 2):

- (1) Mesmo assim ele ainda ficou em casa um mês e pouco, mas o Henrique dormia *Aí* e ele dormia *aquí*. (FLP 03, L 982)²
- (2) "Não! Porque não sei o que, porque tinhas que vir cedo, porque o Fulano apareceu *Aí*, te procurou e não estavas." (FLP 01, L 678)

3.1.2 Anafóricos locativos

Aí anafórico locativo está em relação de correferência com um lugar mencionado anteriormente no discurso, com valor de *nesse lugar* (já nomeado), como em (3).

- (3) Não tinha um hotel, não tinha nada pra dormir, que o único hotel da cidade estava fechado. *Aí* procuramos, procuramos, batemos nesse hospital, que é um hospital e maternidade, *Aí* que ele estava. (FLP 03, L 889)

3.1.3 Anafóricos temporais

Não encontramos usos de *aí, daí* ou *então* como dêiticos temporais, apenas como anafóricos temporais, emprego em que apontam para um passado nomeado anteriormente (valor de *nesse/naquele tempo, nessa/naquela ocasião*). Ou seja, indicam a relação temporal entre as proposições, revelando a relação entre eventos internos ao discurso. Observem-se os exemplos:

- (4) Depois que ele morreu, né? porque *AÍ* elas já eram mais ou menos moças, né? tinham os seus quinze, dezesseis anos, *AÍ* que começaram a namorar. (FLP 18, L 1189)
- (5) Na infância, entre os catorze, quinze anos, *ENTÃO* a gente não tinha, assim, como [essas<crian->]- essas pessoas que têm malícia na cabeça, né? (FLP 10, L 775)
- (6) Quando eu soube, *ai* eu faltei o serviço. Eu não tinha dinheiro, arrumei dinheiro [pra]- pra pegar ônibus, né? e até pra comprar alguma coisa pra ele lá. Mas, até *AÍ* eu não estava sabendo diretamente que ele tinha amante. (FLP 03, L 877)
- (7) Fui até o DETRAN, me levou, chegou lá, me mostrou. Não me apresentou, me mostrou como é que tinha que fazer a papelada: “Ó, é assim, é assado”, e coisa. Que eu também era marinheiro de primeira viagem [até]- até *ENTÃO*. (FLP02-1269)

3.2 Conectores

Aí, daí e então em grande parte de seus usos como conectores, ao mesmo tempo em que introduzem informações³ no discurso, seqüenciam-nas, estabelecendo uma ponte entre um enunciado passado e um futuro, no sentido em que o primeiro serve de base para o que será dito no segundo. Ou seja, apontam para trás para estabelecer sucessão entre eventos, idéias, tópicos, ações.⁴ Essa “(...) invariável ancoragem em instância preliminar do discurso, viabilizando a continuidade deste sempre em perfeita consonância com uma seqüência informacional já posta” (Risso, 1996:431) presente nos empregos conectivos de *ai, daí e então* é responsável pelo efeito de previsibilidade obtido pela sua utilização: eles geram a expectativa de que algo novo será posto no discurso, em continuidade ou consonância com o já dado.

São conectores seqüenciadores os *ai, daí e então* seqüenciadores temporais e textuais, retomadores, introdutores de efeito, alternativos e finalizadores. Somente *ai* adversativo não se enquadra entre os seqüenciadores, pois, apesar de gerar a expectativa de que informações novas serão introduzidas no discurso, não transmite idéia de continuidade e consonância destas relativamente a informações anteriores, mas sim de contraste entre o já dado e o que está por vir.

3.2.1 Seqüenciador temporal

Aí, daí e então seqüencializam temporalmente eventos, introduzindo-os na ordem de ocorrência no tempo (valor de *a seguir*), isto é, indicam que o evento B acontece depois do evento A:

- (8) A gente pegava um pauzinho, fazia que era um revólver, Aí começava a atirar um no outro. (FLP 18, L 1232)
- (9) Faz a massa, DAÍ deixa crescer um pouco. DAÍ faz uma bolinha, depois recheia com catupiri, fecha, deixa crescer. (FLP 07J, L 1014)
- (10) Botava o espetinho, assim, dentro do fogão à lenha, que na época não existia fogão a gás, botava, assim, deixava assar aquela manta de carne seca. ENTÃO ela passava a mão, dividia aquele alguidar em- Lógico, ela não botava até em cima. (FLP 02, L 1085)

3.2.2 Seqüenciador textual

Aí, daí e então assinalam a ordem seqüencial pela qual as informações são apresentadas e desenvolvidas no texto, indicando a progressão destas para frente (valor de *dando seqüência, continuando*). Atuam, assim, como propulsores do discurso, introduzindo uma nova idéia numa exposição argumentativa, ou introduzindo um evento que não manifesta relação temporal com eventos anteriores. Como seqüenciadores textuais, está também a seu encargo indicar o início de novos tópicos relativamente ao tema tratado. Exemplos:

- (11) Mas daí, quando eu perguntei o que que era e o que que estava acontecendo, desligaram o telefone. Eu fiquei preocupado [com a]- com a situação, né? Disse: “Ué! Será que é doença que tem em casa? Alguma coisa está acontecendo?” Aí o engenheiro que estava comigo, ele estava fora. Aí quando ele chegou, eu estava no hotel porque ele saiu e foi a firma, foi levar ele, né? pra fazer o serviço. Aí quando ele chegou, eu disse: (...) “Me leva [na]- na rodoviária que eu tenho que ir em casa imediatamente porque eu não sei o que que está acontecendo.” (FLP 05, L 334)
- (12) Quando eu estava [na]- acho que era no primeiro ano, teve uma campanha por causa da carteira de estudante, pra pagar meia entrada no cinema, teatro, essas coisas. Esse movimento [até]- até que a gente participou bastante. Talvez porque eu estudava aqui no Colégio de Aplicação e sempre foi universidade. O Colégio de Aplicação sempre foi meio revolucionário nessas coisas. DAÍ a gente foi até a Câmara [lá] — lá no centro tudo, fomos— A gente fez um monte de coisas, né? (FLP 07J, L 1198)
- (13) Aí vieram pra cá, perderam tudo, que quando eu fiquei grande que eu fui conhecer [o]— o Ribeirão, o Rio Vermelho foi depois, agora, de grande. O meu filho mais velho me trouxe e me levou lá pra mim conhecer. Ele disse: “Oh, não, vou levar a senhora pra senhora conhecer a terra onde a senhora nasceu. ENTÃO tinha

uma senhora chamada Alaíde, que era amiga de infância da minha mãe, e tinha vontade de me conhecer. (inint) quando eu nasci, eu vim pra cá. Aí então eu fui na casa dessa senhora, dona Alaíde. (FLP 08, L 42)

3.2.3 Retomador

Seguidamente o assunto em curso na fala é interrompido por digressões de proporções variadas. *Aí*, *daí* e *então* seqüenciadores retomadores recuperam o assunto assim interrompido, permitindo sua continuação. É possível que, no processo de retomada, a informação reapareça de forma literal, ou com a alteração de alguns vocábulos, ou apenas seja recolocada em foco pelo apontamento para trás realizado pelo conector, sem haver seu resgate textual.

- (14) Aí elas espiaram pelo buraquinho da porta, apagaram a luz de dentro de casa, que era luz de querosene, e eles tratavam pomboca, aquela lamparina grande eles tratavam pomboca, porque não tinha luz elétrica. Aí elas apagaram a tal de pomboca e aí ficaram espiando, assim, pela janela, diz que era [um]- [umas]- umas sete mulheres, uma vestida de branco, [outra]- outras sem roupas pegando uma canoa. (FLP 08, L 505)
- (15) Meu irmão mais velho ficava em casa cuidando dos outros meus irmãos, que [os]- [eram]- nós éramos em cinco. [Então três tinham]- eu era o mais moço, éramos pequeninhos ainda, né? ENTÃO ele ficava em casa cuidando dos três, fazia comidinha pra quando a mãe chegasse, às seis horas. (FLP18, L 250)

Os retomadores geralmente são seqüenciadores textuais, isto é, retomam informações para impulsionar o assunto para frente, como nos casos acima, mas podem revelar idéia de seqüencialidade temporal quando retomam um evento interrompido e, ao mesmo tempo, introduzem um evento que se segue ao primeiro, como em (16) e (17):

- (16) Eu acho que em quase todo lugar, né? tu tens que ir de noite pra pegar o número pro outro dia. E eu grávida, não ia fazer isso, porque também, né? (...) Então a gente pagava um senhor, dava uma graninha pra ele, e ele vivia de cambalachos assim, né? ENTÃO ele ia pra fila e pegava um número pra mim. (FLP 20, L 745)
- (17) Então ele começou a fazer teste de esforço, e ele- Se passasse de tal dia, ele ia- Na terça ele disse pra mim que estava a fim de [fazer um]- tirar água da coluna. Não é não água da coluna, água

da placenta, pra ver [o]- [a]- o grau [da]- que ficava, né? Aí ele disse: “Ô Selma, eu vou deixar pra depois de amanhã”. (FLP 20, L 788)

3.2.4 Introdutor de efeito

Aí, daí e então introdutores de efeito introduzem informações que representam consequência, conclusão ou resultado em relação ao que foi dito anteriormente (valor de *por isso, portanto*) — relação de implicação entre eventos ou argumentos. Consideramos a introdução de efeito como pertinente à função seqüenciadora, estando a idéia de seqüência imbuída na relação de precedência da causa sobre a consequência.

- (18) Não adianta, não, porque não dá pra gente namorar, não, porque ela não quer. Eu também, depois vou andar por aí escondida, não posso também, né? Aí nós se deixamos. (FLP 08, L 857)
- (19) Nós somos de menor, DAÍ nossa mãe vai com nós pra assinar, né? (FLP 03J, L 1784)
- (20) Eles estão pagando essa mordomia, ENTÃO eles têm um pouquinho [de]- de independência, não é? (FLP 22, L 144)

3.2.5 Alternativo

Então alternativo introduz, juntamente com a conjunção *ou*, uma informação que representa uma opção, uma outra possibilidade em relação a uma informação dada anteriormente (*A ou então B*). Neste papel, *então* intensifica a articulação disjuntiva das orações que exprimem as duas opções, acentuando a idéia de exclusão de uma delas. Risso (1996:430) considera a estrutura em que aparece o *então* alternativo como síntese final de uma estrutura que, em sua forma plena, traria explícita a mesma relação estabelecida pelo *então* conclusivo, algo como “ou x, ou se não x, então y” (isto é, “se p, então q”). Portanto, é possível que o *então* alternativo seja um tipo de introdutor de efeito.

- (21) E ali tinha também, ali onde construíram o Palácio do Governo, a residência do governador. Aquilo ali pra mim não devia ter, deviam ter feito ali o orfanato, né? pra botar as meninas, né? ou ENTÃO eles tivessem construído ali uma fábrica, uma qualquer coisa pra empregar, né? (FLP15, L 433)

3.2.6 Finalizador

Aí, daí e então seqüenciadores finalizadores introduzem uma oração que marca o final de um tópico ou subtópico, podendo manifestar idéia de conclusão

(como um introdutor de efeito). Geralmente, ocorre em tal oração a presença de elementos anafóricos (como *isso*, *essa*, etc). Seguem-se os exemplos:

- (22) Tem que ir bem correndo, assim, né? Daí os carros atrapalham a gente, dão muita volta, tem que esperar. DAÍ isso é ruim, né? (FLP 03J, L 1313)
- (23) Levava uma surra danada. Então o Coronel Astrogildo foi um coronel assim que fez uma limpa na cidade, sabe? negócio [de]-de roubo. ENTÃO tinha isso. (FLP 18, L 872)

3.2.7 Adversativo

Aí adversativo acrescenta idéia de adversão entre os eventos ou idéias que relaciona, semelhantemente ao conector *mas*.

- (24) Se já tinha morrido lá, já estava lá, nem precisava isso, né? Era só liberar, né? AÍ não podiam liberar sem o médico chegar. (FLP 03, L 1347)

4. O percurso de gramaticalização de *aí*, *daí* e *então*

Um dos mecanismos do processo de gramaticalização, a transferência metafórica, implica em conceitos mais complexos e abstratos serem descritos ou entendidos por meio de conceitos concretos ou menos complexos, o que se evidencia relativamente aos empregos de *aí*, *daí* e *então*. Podemos traçar uma trajetória de abstração crescente entre as funções desempenhadas pelos itens em estudo no plano adverbial, como dêiticos e anafóricos, e no plano da articulação textual, como conectores. Tal trajetória segue os passos propostos na escala de derivação de conectores de Heine *et alii*: espaço > (tempo) > texto. *Aí*, *daí* e *então*, de indicadores espaciais, tornaram-se indicadores temporais e por fim indicadores das relações entre partes do texto.

Em duas das etapas do percurso de gramaticalização das formas sob pesquisa, a referente ao espaço e a referente ao texto, há mais de uma função para cada item: no plano adverbial locativo, *aí* é dêitico e anafórico, e no plano da conexão textual, *aí*, *daí* e *então* atuam como seqüenciadores temporais, textuais, introdutores de efeito, retomadores, entre outros. Portanto, além da relação de abstração crescente manifestada pelas formas nos papéis de indicadores de espaço, tempo e interligadores textuais, encontramos relações mais específicas de significado espaço-temporal entre os usos locativos e conectivos, ilustradas nos quadros 1 e 2. A análise dessas relações revela a perda ou abstratização gradual de propriedades semânticas entre as funções, desde os usos locativos, em que tais propriedades se manifestam mais fortemente, ao uso como conector seqüenciador textual, de menor carga semântica.

Os quadros 1 e 2 trazem escalas de derivação organizadas de acordo com as relações de crescente abstração do significado entre as funções de *aí*, *daí* e *então*, ilustrando os possíveis percursos seguidos pelas formas em sua passagem pelo processo de gramaticalização. A função à direita representa um conceito mais abstrato relativamente a função que está à sua esquerda.

Quadro 1: Escala de derivação de *aí* e *daí*:

<i>AÍ/DAÍ:</i>	
dêitico locativo → anafórico locativo	→ adversativo
↓	→ introdutor de efeito → finalizador
anafórico temporal → seqüenciador temporal	→ seqüenciador textual
	→ retomador

A forma *daí* é constituída pela junção da preposição *de* mais o advérbio de lugar *aí* e, com exceção da função adversativa, desempenha as mesmas funções conectivas que a forma *aí*. Por isso, analisamos lado a lado ambas as formas. Não encontramos em nosso *corpus* dados de *daí* como dêitico ou anafórico locativo e temporal, existentes na língua portuguesa. Considermos, então, seu percurso de gramaticalização somente a partir dos usos como seqüenciador temporal.

Conforme Heine et alii (1991:179), itens dêiticos locativos tendem a assumir função anafórica, tendência manifestada pelo *aí*. Na primeira etapa do percurso rumo à articulação de partes do texto, o *aí* dêitico locativo, que aponta para um lugar do mundo externo, origina o *aí* anafórico locativo, que aponta para um lugar já mencionado no texto. Dessa forma, a organização espaço-temporal do mundo concreto passa a ser utilizada, por transferência metafórica, para caracterizar o universo mais abstrato do texto.

O *aí* anafórico locativo dá origem ao *aí* anafórico temporal, seguindo o percurso espaço > tempo. Do *aí* anafórico temporal deriva o *aí* conector seqüenciador temporal, que preserva traços de temporalidade, uma vez que indica que o evento que introduz segue-se temporalmente ao evento anterior. A passagem do *aí* anafórico temporal ao seqüenciador temporal representa o percurso tempo > texto, pelo qual formas indicadoras de tempo tornam-se indicadoras de relações entre partes do texto.

Os usos seqüenciadores temporais de *aí* e *daí* (agora incluído na escala) constituem a fonte de diversos empregos, originando (i) o seqüenciador textual, que manifesta o tempo do desenrolar do discurso, da sucessão lógica das informações; (ii) o introdutor de efeito, com traço temporal bastante marcado em alguns usos e reduzido em outros, em que a temporalidade manifesta é a da própria relação causa-conseqüência; (iii) o retomador, com usos com carga

temporal mais intensa, retomando e ao mesmo tempo seqüenciando informações, e usos em que o tempo é o do desenrolar do discurso. Do *aí* seqüenciador temporal deriva ainda o *aí* adversativo, que não apresenta traços temporais e que, conforme já mencionamos, não seqüencia informações, mas sim contrasta-as entre si. O *aí* introdutor de efeito funciona também como finalizador, concluindo o assunto em pauta até o momento.

Vejamos a segunda escala:

Quadro 2: Escala de derivação de *então*:

ENTÃO:		→ alternativo
	→ introdutor de efeito	→ finalizador
anafórico temporal → seqüenciador temporal	→ seqüenciador textual	
	→ retomador	

Um processo de transferência metafórica semelhante ao de *aí* e *daí* pode ser proposto para o *então*: o anafórico temporal (o primeiro de seus usos que temos em nosso *corpus*) origina o seqüenciador temporal, resultando na transferência tempo > texto. O seqüenciador temporal, por sua vez, deixa derivar o seqüenciador textual, o introdutor de efeito e o retomador. Do introdutor de efeito se originam os empregos como finalizador e alternativo. Não encontramos dados referentes a *então* locativo, entretanto, é possível que esse emprego, que já existiu na língua (cf. Tavares, 1996),⁵ tenha dado origem ao uso anafórico temporal, valendo o percurso espaço > tempo também para o *então*.

Semelhantemente ao que ocorre com *aí* e *daí*, à medida que *então* migra dos usos anafóricos aos relativos à interligação textual, perde, ou melhor, tem abstraídos os traços temporais, mais concretos nos usos anafóricos e seqüenciadores temporais, e bastante reduzidos ou mais abstraídos nos usos retomadores e seqüenciadores textuais.

Ao lado da perda ou abstratização de traços de significados sofrida por *aí*, *daí* e *então*, temos a manutenção, em todas as funções, de uma propriedade presente já nos usos adverbiais originais. Essa propriedade é o traço de "apontar para": apontar para o espaço externo, como dêiticos locativos; apontar para o espaço interno, como anafóricos locativos e temporais, recuperando um local ou tempo antes referidos; e, finalmente, como conector, apontar para uma informação fornecida anteriormente no discurso, que se relaciona com a nova informação introduzida pelo próprio conector. Ou seja, *aí*, *daí* e *então* conectores apontam para trás para impulsionar o discurso rumo a sua continuidade.

A escala espaço > (tempo) > texto representa passos comuns do desenvolvimento de conectores a partir de itens espaciais, caso de *aí*, *daí* e possivelmente *então*. Contudo, cabe uma ressalva: na passagem dos itens em exame da função dêitica locativa para a anafórica locativa já ocorre a passagem para o nível textual, pois as anáforas têm forte papel na articulação textual, por recuperarem elementos mencionados anteriormente. Sendo assim, o desenvolvimento das demais funções de *aí*, *daí* e *então* se desenrola já no âmbito textual, diferentemente do que aponta a escala, segundo a qual poderíamos interpretar que apenas os usos como conectores se dariam em âmbito textual. Propomos, para as formas sob pesquisa, a escala ilustrada no Quadro 3 a seguir:

Quadro 3: Escala das etapas de gramaticalização de *aí*, *daí* e *então*:

dêitico locativo	>	anafórico locativo	>	anafórico temporal	>	conectores seqüenciadores
LÉXICO	>	TEXTO				
ESPAÇO	>			TEMPO	>	CONEXÃO TEXTUAL

5. Considerações finais

As múltiplas funções desempenhadas por *aí*, *daí* e *então*, seja em nível lexical, seja em nível da interligação textual, e as relações de significado que se estabelecem entre tais funções - abstração crescente de significados de um lado e manutenção do traço de "apontar para" de outro - são índices de que as formas em análise passam pelo processo de gramaticalização, responsável pela migração de uma forma lingüística de uma categoria para outra, rumo à gramática. No seu percurso de gramaticalização, os elementos sob enfoque estenderam seu campo de atuação dos usos adverbiais dêiticos locativos originais, no plano lexical, aos usos como conectores, no plano gramatical, passando pelos usos anafóricos temporais.

Constatamos que os padrões de uso múltiplo revelam parte da história de *aí*, *daí* e *então*, pois seus empregos mais antigos, nos campos dêitico e anafórico, que sobrevivem junto aos empregos mais recentes, no campo da conexão textual, permitem o levantamento de informação não apenas acerca das construções lexicais que foram a fonte das funções conectivas dos itens sob pesquisa, mas também permitem traçar os estágios pelos quais as formas passaram ao longo do seu percurso de desenvolvimento. Uma posterior pesquisa histórica poderá vir a trazer mais indícios dos percursos de gramaticalização de *aí*, *daí* e *então*.

Notas

1 *Aí*, *daí* e *então* também desempenham funções como modificadores de nome, intensificadores de sintagma e oração, inferidores e preenchedores de pausa. Tais funções

não são levadas em conta nesta análise, centrada no percurso de *ai*, *daí* e *então* rumo à conexão textual.

2 O código que segue o trecho da entrevista a identifica. Por exemplo, (FLP 18, L 1057) = informante de Florianópolis, entrevista número 18, linha 1057.

3 Por informação compreendemos fatos/eventos e argumentos/idéias.

4 Eventos, idéias, tópicos e ações são unidades que são relatadas temporalmente porque têm uma ordem linear de acordo com alguma propriedade que exibem. Eventos, por exemplo, são ordenados temporalmente de acordo com o momento em que ocorrem no mundo real; tópicos ou idéias podem se preceder ou seguir logicamente um ao outro; ações podem produzir um certo resultado somente se executadas numa ordem particular (Shiffrin, 1987:262).

5 O exemplo a seguir, extraído da *Coletânea de textos de Francisco José Lacerda e Almeida* (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1944:111), mostra um *então* locativo, que remete ao ponto em que, depois das primeiras cem léguas do rio, os matos impedem a passagem dos barcos: "O rio Baures, que conflue no Guaporé pela margem austral e na distância de quatro léguas e três quartos para cima do forte do Príncipe da Beira, é navegável em botes de mediana grandeza pela distância de cem léguas, pouco mais ou menos: cheguei somente até êste termo porque os matos, por entre os quais desde então corre o rio formando várias bocas ou canais estreitos, me obstaram a continuação da viagem (...)".

Referências bibliográficas

- HEINE, B. CLAUDI, U. & HÜNNEMEYER, F. (1991) *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press.
- HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. (1993) *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- RISSO, M. S. (1996) "O articulador discursivo "então." In CASTILHO, A. T. & BASÍLIO, M. (orgs) *Gramática do português falado*. Vol. IV. Estudos Descritivos. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP.
- SHIFFRIN, D. (1987) *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TAVARES, M. A. (1996) *Então no túnel do tempo: séculos XIV, XVI e XVIII*. Florianópolis, mimeo.
- TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (1991) *Approaches to grammaticalization. Vol. 1: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins Publishing Company.